

Organizadoras

Gina Khafif Levinzon

Alicia Dorado de Lisondo

Adoção

Desafios da contemporaneidade

PSICANÁLISE

Blucher

ADOÇÃO

Desafios da contemporaneidade

Organizadoras

Gina Khaff Levinzon

Alicia Dorado de Lisondo

Adoção: desafios da contemporaneidade

© 2018 Gina Khafif Levinzon, Alicia Dorado de Lisondo (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: *As três idades da mulher*, de Gustav Klimt

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Adoção : desafios da contemporaneidade / orga-
nizado por Gina Khafif Levinzon, Alicia Dorado de
Lisondo. – São Paulo : Blucher, 2018.

256 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1274-4

1. Adoção 2. Adoção – Aspectos psicológicos 3.
Adoção – Aspectos sociais 4. Crianças adotadas 5.
Família 6. Pais adotivos 7. Pais e filhos I. Levinzon,
Gina Khafif. II. Lisondo, Alicia Dorado de.

18-0164

CDD 155.445

Índice para catálogo sistemático:

1. Adoção – Aspectos psicológicos

Conteúdo

1. Leituras múltiplas e miscigenadas em consultas de adoção internacional 19
Sara Skandrani | Aurélie Harf | Mayssa El Husseini
Salomé Grandclerc | Sophie Maley | Catherine Le Du
Thames Borges | Marie Rose Moro
2. Memórias de adoção 39
Omblin Ozoux-Teffaine
3. Adoção e falso *self*: o dilema do “bom adotado” 49
Gina Khafif Levinzon
4. O trabalho psicanalítico com os pais na adoção: luzes e sombras 71
Alicia Dorado de Lisondo

5. A transmissão inconsciente da mãe adotante ao filho adotivo 87
Eva Barbara Rotenberg
6. As falhas da adoção no casal parental 99
Cynthia Ladvoocat
7. Adoção: tempo de espera e mudança de perfil dos habilitados 117
Maria da Penha Oliveira Silva
8. “O que quer uma mulher quando adota?” – A clínica da adoção 137
Edilene Freire de Queiroz
9. Cinema e adoção: promovendo reflexões sobre o projeto de adotar 155
Cynthia Lopes Peiter Carballido Mendes
Maria Luiza de Assis Moura Ghirardi
10. A adoção e a continuidade do ser 169
Cristina Rodrigues Rosa Bento Augusto
11. A capacidade de escuta do psicólogo judiciário como ferramenta de auxílio no desabrochar dos cuidados maternos: pensando sobre *holding*, *revêrie* e contratransferência 181
Ana Carolina Godinho Ariolli
12. Crianças e adolescentes acolhidos: a necessidade de alguém que permaneça e seja confiável 203
Saulo Araújo Cunha

13. Encontros e desencontros na adoção: o paradoxo da
ilusão 221
Isabel Cristina Gomes
Rita Tropa Alves dos Santos Marques
Yara Ishara
14. Toda criança necessita ser adotada 235
Ivonise Fernandes da Motta
- Sobre os autores 249

1. Leituras múltiplas e miscigenadas em consultas de adoção internacional

Sara Skandrani | Aurélie Harf | Mayssa El Hussein

Salomé Grandclerc | Sophie Maley | Catherine Le Du

Thames Borges | Marie Rose Moro

Nas consultas terapêuticas transculturais de adoção internacional, atendemos famílias “adotivas” que levantam perguntas sobre parentalidade, filiação e outras questões inerentes à “alteridade” da criança adotada. Essas dúvidas e interrogações encontram-se presentes em todas as famílias consultadas que passaram por um procedimento de adoção internacional. Entretanto, esses questionamentos entram em ressonância com a realidade do contexto da adoção, no qual a criança nasceu não apenas de outros pais, mas num outro país, ou seja, é “um estrangeiro vindo do estrangeiro”. A sua “alteridade” faz-se extremamente visível e presente (Harf et al., 2013).

Um enquadre teórico e técnico miscigenado

Os pais adotantes abordam essa alteridade sob diversos aspectos: questionam os vínculos existentes entre eventuais sintomas e as origens biológicas e culturais da criança. Geralmente, demonstram preocupações relativas ao discurso a ser utilizado para a

“transmissão da história pré-adotiva”, muitas vezes, traumática. Questionam-nos sobre o que dizer a uma criança que já viveu experiências de rejeição e discriminação relacionadas a sua origem, estampadas, por exemplo, em sua cor de pele. Nesse contexto, a compreensão e a interpretação da alteridade torna-se um ponto importante durante o processo terapêutico nas consultas transculturais de adoção internacional.

Na tentativa de responder tais questões, nossas consultas de adoção internacional inscrevem-se em três áreas teórico-clínicas: psicanalítica, familiar e transcultural. A criança ou o adolescente é recebido com sua família, isto é, com seus pais e eventualmente com seus irmãos, numa sessão de uma hora, uma vez ao mês. Eles são acolhidos por um pequeno grupo de terapeutas pluridisciplinares, composto de psicólogo, psiquiatra infantil e enfermeiro. Nesse enquadre, as crianças podem compartilhar o relato de seus pais. Costumamos disponibilizar, além dos assentos comuns, um pequeno conjunto de mesa e cadeira, onde podem desenhar ou brincar, acompanhadas por um dos terapeutas. Frequentemente, elas circulam entre os espaços, evidenciando os laços afetivos, as ressonâncias com as preocupações psíquicas dos pais e, por vezes, materializando fantasmas até então ocultos. Na sequência dos encontros, exploramos sistematicamente o próprio relato sobre a adoção. Consideramos que esse falar sobre as origens tem um lugar fundador na construção da filiação e da história familiar (Harf, Taïeb, & Moro, 2007). Os relatos dos pais partem de diferentes momentos de suas histórias: alguns, do momento da renúncia às crianças biológicas, com o fracasso da fecundação *in vitro*; outros, da obtenção de aprovação como possíveis adotantes ou, ainda, do primeiro encontro com a criança. Por meio das primeiras linhas da história familiar comum, já se expressa a maneira como sonharam e imaginaram sua criança. Tentamos resgatar como se deu o encontro com a vida pré-adoção, abordamos sobre a escolha do país

de origem da criança, as viagens ao local, as eventuais visitas a orfanatos ou encontros com os pais biológicos, os documentos e relatos que lhes foram transmitidos ou que lhes faltam. Essa exploração permite ter um primeiro acesso a possíveis representações sobre as origens – biológicas e culturais – da criança, os fantasmas concernindo os pais biológicos, a transmissão genética, o abandono etc. Frequentemente, faz-se um primeiro espaço de projeção das preocupações emocionais relacionadas à parentalidade, à história transgeracional, à negociação da dívida psíquica ligada à infertilidade, às dificuldades encontradas no relacionamento entre pais e filhos, como na fase de emergência da sexualidade adolescente, para citarmos alguns exemplos.

Lembramos que nesse dispositivo de consulta, há sempre um coterapeuta disponível para acompanhar e sustentar a criança em seus jogos espontâneos ou em seus desenhos. Essa configuração permite que ela esteja numa posição liminar, entre a relação privilegiada com o coterapeuta e o espaço de trocas com os pais e o resto do grupo, implicando-se a seu próprio ritmo e maneira. Ao final de cada sessão, jogos e desenhos são postos em relação com os discursos dos pais e com as elaborações grupais, permitindo a identificação de correspondências, ressonâncias, ecos entre preocupações psíquicas dos pais e aquilo que é posto em cena ou figurado pela criança. Ao evidenciar tais representações, facilita-se a desobstrução dos conflitos emocionais. A partir do comportamento dos filhos, torna-se mais significativa a materialização dos fantasmas e dos conflitos psíquicos dos pais (Cramer & Palacio Espasa, 1993).

Esses atendimentos ancoram-se no modelo de consultas transculturais desenvolvidas por Marie Rose Moro (1988), com um acento sobre a noção de grupo, de alteridade, de coconstrução de sentido no seio do sistema família-terapeuta e de difração da transferência. Salientando que o complementarismo, isto é, a utilização

sistemática, mas não simultânea, de várias disciplinas, e de maneira exemplar da psicanálise e da antropologia, como o definiu Devereux (1972), constitui a base de nosso trabalho.

Por meio dessa afiliação teórica transcultural, as noções de alteridade, pertencimento e mestiçagem podem ser abordadas e elaboradas, sem representar uma ameaça para o laço filial adotivo. A abordagem das representações do país de nascimento da criança e de sua cultura permite trabalhar com a noção de alteridade, mas representa também, fantasmagoricamente, um suporte de projeção do anseio pelo conhecimento da origem (familiar, biológica) da criança (Golse, 2012).

Assim, durante as sessões, coexistem permanentemente vários níveis de leitura e de análise do relato das famílias e das dificuldades que os levaram às consultas, no que concerne tanto à história pré-adotiva das crianças, quanto à dos pais e de toda a família transgeracional. Mais além do intrapsíquico e do intersubjetivo, trata-se, igualmente, de pensar nas questões sociais e culturais nas quais se inscrevem as práticas da adoção, evidentemente considerando as relações assimétricas entre o país de origem e o país de adoção, as representações coletivas de certas origens nacionais e culturais, as questões de racismo e de discriminação. Esses diferentes níveis de leitura, do íntimo ao coletivo, nos forçam a complexificar nosso olhar sobre essas situações clínicas e a explorar os múltiplos laços (projeções, deslocamentos, condensações etc.) que os unem.

Ilustraremos, a seguir, nossa proposta por meio de uma situação clínica.

As múltiplas vidas de Ettan

Recebemos, para uma primeira consulta, Ettan – 3 anos de idade – e seus pais. A criança chegou à França há seis meses e a mãe nos explica que busca conosco um espaço de conversa “para se assegurar que tudo está indo bem”. Ela acha que Ettan tem se adaptado bem a sua nova família e à vida na França. Após ter passado algumas semanas com a mãe adotiva, que então retomou o trabalho, a criança entrou na creche “onde tudo se passa bem”. O pai, até o momento calado, concorda com isso.

Relato da adoção

A mãe inicia a história a partir de sua escolha pelo oeste da África para buscar a adoção, o que ocorreu em função de seu interesse pela cultura dessa região. Há vários anos, ela tocava num grupo de percussões africanas. Conta que empreendeu diligências de adoção sozinha após o fracasso de uma fecundação *in vitro* e de uma ruptura amorosa.

No mesmo dia em que depositou o dossiê de adoção no país de origem da criança, encontrou um homem que conhecia há muitos anos, pois tocaram juntos em um grupo de música. E, como que magicamente, segundo ela, vieram a se apaixonar. Iniciou, então um relacionamento com este homem, que já tinha um filho de um casamento anterior, Ulisses, que estava, então, com 10 anos.

Quando Ettan foi designado a essa senhora, alguns meses mais tarde, ela já havia feito um total de catorze viagens à África para encontrá-lo. Inicialmente sozinha, e depois acompanhada pelo parceiro, viajava a fim de passar tempo com o menino antes de poder finalmente trazê-lo à França.

O primeiro encontro com o filho é contado com muita emoção. Ettan, com então quatro meses, foi abandonado um mês antes perto de um centro de saúde e, desde então, ficou no orfanato. Era descrito como um bebê muito triste. A mãe conta: “quando encontrei ele, não me olhava de jeito nenhum. E isso acontece ainda hoje! Era na região do Boko Haram... Eu não peguei ele no colo nesse momento”. Apesar de não ter nenhum elemento sobre a história pregressa de Ettan, a mãe imagina que ele tenha sido amado e cuidado durante seus três primeiros meses de vida.

Como ocorre habitualmente, ao deixar o orfanato, o menino ficou um período com uma cuidadora, Ernestine, que tinha como função acolher essas crianças em processo de adoção.

Durante dois anos, a mãe – em processo de adoção – fez idas e vindas entre a França e essa região da África, passando o maior tempo possível com Ettan, na família de Ernestine, com quem ela estabeleceu laços fortes e mantém contato até hoje.

A mãe da adotante se mostrou ausente tanto fisicamente como nos discursos durante as sessões. Ernestine parece ter feito um papel de irmã mais velha a mãe adotante, oferecendo sustentação em seu acesso à maternidade e na construção do vínculo com Ettan. Por meio desse deslocamento, ela teve a cuidadora como figura de identificação, liberada da ambivalência e das partes conflitivas de sua relação com sua própria mãe. Por outro lado, ela reserva um lugar particular à acolhida que a família da Ernestine tem lhe proporcionado. É uma família grande, vivendo toda junta “numa casa ao redor de um pátio central”. Isso parece tê-la acalmado e sustentado o surgimento de seu lugar de mãe, no sentido de ter uma comadre (ser mãe com). Essa busca de sustentação e contenção aparece igualmente em seu investimento transferencial relativo ao espaço terapêutico. Os co-terapeutas parecem representar psiquicamente as comadres, capazes de autorizá-la, tal qual o fez

Ernestine, a exercer o papel materno. Uma das intervenções de Ettan numa sessão pode ser compreendida nesse sentido: brincando sobre o significante mãe, ele designa uma das terapeutas como mãe de sua mãe, o que é endossado também pelo pai.

O companheiro acompanha a mãe adotante em vários momentos à África e sua participação nessa aventura, como ele chama, vai se definindo aos poucos. Ele se questiona num primeiro momento sobre “um problema de compatibilidade. A criança vai me aceitar? E eu, vou aceitá-la? Vai gostar de mim? Vou gostar dela?”, expressando a rapidez, a urgência de um processo de desenlace incerto. Como, então, sonhar a criança? O contexto específico carrega uma escolha a ser feita. Ocupar ou não o lugar de pai? E, inversamente, há também a escolha de Ettan. Esse senhor será adotado por ele? A configuração particular da construção do vínculo de filiação entra em ressonância com as dificuldades do senhor de se posicionar como pai. Na África o senhor promove atividades esportivas com Ettan e também com as crianças de Ernestine. A partir das atividades compartilhadas, cria uma vínculo franco-africana.

Depois de dois anos, a senhora e o senhor, acompanhados por Ulisses, podem buscar Ettan e trazê-lo à França. Desde então, vivem todos juntos. Ulisses alternando entre este domicílio e o da mãe. O procedimento legal de adoção plenária ainda está em curso, procedimento do qual o senhor não faz parte: “teríamos que casar”, comenta. Isso destaca a ambivalência de sua implicação no casal e a dificuldade de se posicionar com respeito à díade mãe-criança. A ausência de inscrição jurídica de Ettan na sua filiação levanta a questão que representará o fio condutor das consultas posteriores. O senhor se considera o pai de Ettan no plano afetivo, inscrevendo-o na sua filiação imaginária. Ele expressará a progressiva apropriação psíquica da criança no curso de suas viagens ao país de origem, nos seguintes termos: “não tinha vontade de partir,

de deixá-lo. Sentia me ligado ao projeto”. Mas nessa situação de adoção, na qual os três eixos da filiação – biológica, imaginária, jurídica, como foram definidos por Guyotat (1980) – não estão integrados, a ausência de reconhecimento legal da filiação imaginária fragiliza o processo. Além disso, não é possível se ancorar na segurança narcísica do eixo biológico. Nesse contexto, como o caráter fundamental e irrevogável da filiação pode prevalecer?

Alteridade da criança e sentimentos de estranheza da mãe

A família vem nos consultar sobre os conselhos do pediatra, “sem inquietudes particulares”, nos relata a mãe. No final da primeira consulta, a mãe aborda um assunto relacionado à circuncisão de seu filho, que foi aconselhada pela Ernestine e pelo amigo Samuel, originário do mesmo país de Ettan e que acompanhou a família no processo de adoção. A mãe, mesmo estando surpresa e perplexa, não se opõe ao pedido de circuncisão. O companheiro também a deixa decidir sozinha como no momento da escolha do nome da criança.

A importância do procedimento é ressaltada à mãe pelas pessoas “africanas” que fazem parte da cultura de Ettan, como Ernestine e Samuel. Pedem-lhe para fazerem a circuncisão, inscrevendo a criança por meio desse ritual, que marca no corpo dela a pertença ao seu país de origem, bem como aos seus antepassados e ao além. Esse tipo de alteridade faz uma intrusão num momento particularmente vulnerável e íntimo na construção do vínculo mãe-filho, a inscrição da criança na filiação adotiva. Questiona o fato sobre a quem pertence a criança: à mãe, ao seu país de origem e à sua cultura de origem ou aos dois?

Inicialmente, a apropriação simbólica e imaginária da criança pelos pais adotivos passa por questões relacionadas aos vínculos entre as culturas e os países de origens da criança e dos pais, que tentam se colocar no lugar de origem do filho adotado. Os vínculos presentes entre a família e a cultura do país de origem de Ettan já existiam antes da sua chegada no âmbito familiar por meio do interesse da “mãe adotiva” pela “África”, motivo que precedeu a sua escolha de adotar nessa região. Os vínculos foram reforçados pelas relações mantidas com Ernestine e sua família. Os pais adotivos e também Ettan foram incluídos no contexto de vida familiar e cultural da família de Ernestine. O discurso dos pais demonstra uma preocupação quanto à dívida moral contraída em relação ao país de origem da criança, bem como aqueles que substituíram os pais biológicos, no caso a família de Ernestine.

A questão da alteridade emergirá de modo ameaçador nas consultas posteriores. A mãe relata que Ettan mordeu um colega na creche após ter sido “rejeitado” por um grupo de crianças. Ela associa o acontecimento ao fato de ele ser negro, exprimindo a preocupação de que essa rejeição, relativa à cor da pele, possa se repetir futuramente. Salienta também a diferença racial do menino em relação à própria família, que é branca. E segue expondo uma vivência ameaçadora:

eu vi ele se juntar a outras crianças negras. Minhas preocupações são enormes. Ele é originário do norte do país, zona muçulmana, região de Boko Haram. Tenho medo que, no futuro, ele possa ter uma crise de identidade retornando às origens religiosas.

Percebemos que se tratam de sentimentos ambíguos. A mãe, assim como teme que Ettan possa ser rejeitado pela cor de pele

negra, experimentando o racismo, se preocupa, também, com sua própria rejeição em relação ao menino.

A sensação extrema de mal-estar que a mãe demonstra revela, ainda, um outro lado da questão: o sentimento de ela mesma poder ser rejeitada pelo filho. A estranheza frente à alteridade de Ettan, em relação a sua cor negra, ao seu nascimento como muçulmano e aos seus primeiros meses de vida na região de Boko Haram, acompanhada de seus respectivos fantasmas, fragilizava o laço afetivo em construção.

O discurso materno explícito, no entanto, relaciona tais angústias ao “retorno às fontes religiosas” e à dificuldade em obter “a certidão de nascimento” de Ettan, documento necessário ao pronunciamento de adoção plena.

Essa hipótese pode representar um primeiro nível de análise inscrito, principalmente, no contexto atual de terrorismo internacional, mas também especificamente na França, onde as crianças imigrantes são vinculadas ao terrorismo, num processo geral de sideração, influenciadas pelos próprios pais. O que viria ilustrar a importância da construção do vínculo de filiação, num contexto sociocultural mais amplo, com as suas relações de força e representações culturais, não só da adoção mas também do mundo de origem da criança adotada – neste caso, negro e muçulmano.

A inscrição da criança no processo de filiação

Um segundo aspecto a ser considerado quanto ao discurso da mãe seria a análise complementar dos diversos níveis de compreensão desse discurso, que podem existir simultaneamente no âmbito das nossas consultas.

Os temas circuncisão e possibilidade de retorno às “origens religiosas”, tão apavorantes e ameaçadores, interrogam sobre a filiação e os vínculos culturais aos quais a criança pertence. Essas questões encontram-se presentes na dinâmica do casal.

Podemos considerar a hipótese de que tanto a origem cultural da criança quanto a sua alteridade pode desencadear os distúrbios relacionados à parentalidade e à sua inscrição no processo de filiação. A mãe iniciou sozinha o procedimento de adoção, sendo que seu companheiro integrou a ação apenas num segundo momento. Ele nos dirá: “eu tinha duas possibilidades: entrar ou não na aventura. Quando encontrei Ettan, minha cabeça dizia que sim, mas, oficialmente, eu não me manifestava”. Atualmente, a mãe adotiva encontra-se sempre sozinha para a realização de todas as etapas que implicam a transcrição da adoção de Ettan em adoção plenária (completa e definitiva). O companheiro delega-lhe todas as responsabilidades relacionadas à inscrição de Ettan no processo de filiação, como a nomeação e a circuncisão. A fragilidade quanto ao lugar simbólico da criança associa-se aos sentimentos ambivalentes que o casal apresenta quanto à presença e à existência da criança na família recém-formada.

Ao decorrer de nossas consultas, surgem, rapidamente, alguns conflitos do casal quanto à educação de Ettan. Nesse contexto, nós decidimos recebê-los sozinhos, sem o filho, durante três sessões. A mãe reclama dizendo que o seu companheiro é muito “autoritário” e “violento” com seu filho. Ele não sabe como se posicionar frente às críticas. O conflito é tal que, de modo implícito, a senhora ameaça se separar do companheiro. Repete, durante as consultas, que se sente muito magoada pelos comportamentos de rejeição que Ettan apresenta em relação ao companheiro. Essas reações estão presentes quando o menino deseja estar sozinho com sua mãe nos momentos de reencontro após uma longa jornada de trabalho ou de

manhã cedo na cama do casal. Essa aproximação, “exclusiva” entre a mãe e a criança, questiona o tipo de vínculo afetivo existente entre Ettan e seu “pai adotivo”. Essa situação encobre um outro aspecto da relação entre eles, no qual o pai passa muito tempo se preocupando com a segurança e o bem-estar da criança, se concentrando nos cuidados “maternais” relacionados ao corpo dela.

A interrogação referente a quem a criança pertence, se exclusivamente à mãe adotiva ou ao casal, é o fio condutor de todas as consultas, reforçando um sentimento de rivalidade parental quanto ao tipo de vinculação a ser estabelecido com Ettan. Os conflitos podem estar associados às diferenças entre as competências reprodutivas de cada um dos pais. O senhor conseguiu conceber, mas a senhora é infértil. O ciúme da senhora pode ser interpretado pela extrema reivindicação de ser melhor que o pai nas funções da parentalidade. Ela manifesta com muito sofrimento que o tempo que ela não está com seu filho é muito doloroso, mesmo que ele esteja com o pai. Essa tristeza se inscreve num movimento de luto dos primeiros meses de vida de Ettan, dos quais ela foi privada. Considera que esses momentos foram perdidos para sempre, mesmo que ela tenha lutado muito para estar com ele o máximo possível, durante o processo de adoção internacional. O processo de luto quanto ao tempo não compartilhado com a criança associa-se ao luto da criança biológica que ela teve que renunciar após inúmeras fecundações *in vitro* e uma separação amorosa muito dramática da qual ela não fala.

Mas a rivalidade é igualmente reveladora de outro problema intrapsíquico que nos permite abordar um terceiro nível de leitura. Do lado da senhora, surge imediatamente uma reivindicação de vínculo exclusivo para com o seu filho. Ela associa à sua própria história de vida, na qual o problema da rejeição é, segundo ela, “central”. Filha única, perdeu seu pai com 25 anos de idade,

sendo a evocação desse tema algo tão doloroso que obtivemos alguns poucos elementos dessa história de vida e suas vivências dramáticas. Em seu discurso, ela descreve uma relação difícil e distante com a própria mãe, a qual teria sido substituída por uma relação com uma tia materna, “enfermeira em psiquiatria”. A tia apoiou no seu empreendimento de adoção, chegando até a acompanhá-la em uma de suas viagens ao leste da África para encontrar Ettan. Ela participará também no processo de nomeação da criança. A ausência da própria mãe no discurso da mãe adotiva de Ettan não possibilita o conhecimento do significado da chegada do primeiro e único neto na família. Sabemos apenas que a avó adotiva ficou contente, mas não teve tempo para investir no relacionamento com o neto devido a problemas de saúde.

O vínculo exclusivo com Ettan, buscado por uma adoção sozinha, é mantido por uma separação das dimensões afetivas e jurídicas da filiação paterna, destacando, assim, a presença de relações mãe-filho, aparentemente edípicas. Tal exclusividade sugere tentativas emocionais da mãe de se proteger da repetição da experiência de rejeição, que desencadeia o surgimento de angústia, que é representado pela preocupação com os vínculos que Ettan pode ter com a cultura do país de origem, que a mãe interpreta como uma ameaça terrorista. Mas a presença desse vínculo exclusivo oriunda do fato de a mãe ter “procurado” uma criança, estando sozinha, desencadeia uma certa ambivalência nas relações materno-infantis. Lembremos que a mãe iniciou uma relação de casal no momento em que a criança lhe foi atribuída, permitindo interpretar esse encontro amoroso como uma luta contra a fantasia de onipotência materna quanto à fabricação da criança. Uma mãe simbolicamente onipotente pode engendrar, “fabricar” uma criança monstruosa, capaz de se vincular ao Boko Haram e ao terrorismo.

Evocar o nascimento de Ettan “na região de Boko Haram” e a preocupação de que poderia retornar ao país de origem,

representaria, não obstante, uma maneira de convocar a imagem da mãe biológica. Em nosso contexto atual, Boko Haram representa também atos violentos e agressivos como sequestros e estupros de mulheres. Destaca-se, aqui, a questão das representações fantasmagóricas da mãe adotiva com respeito à mãe biológica de Ettan: a criança seria fruto da opressão, do estupro e da violência. Primeiramente, a mãe adotiva enfatiza a ideia do retorno às origens religiosas que, implicitamente, também carrega a origem biológica.

Ao destacar os vínculos da criança com a cultura de origem, a mãe estaria transpondo os conflitos presentes no campo da filiação e parentalidade para o campo cultural. Essa dinâmica é o resultado das angústias e projeções existentes sobre as origens da criança adotada. Preocupar-se com a questão cultural seria psicologicamente menos custoso do que se confrontar com a mãe biológica, ainda que ela se encontre apenas presente no mundo imaginário da mãe adotiva e, quem sabe, no da criança adotada.

Poderíamos também questionar sobre uma eventual identificação da mãe adotiva para com a mãe biológica, na qual estariam presentes as fantasias quanto à possibilidade de ela ter sido vítima de estupro, sendo o pai biológico de Ettan um provável violador e assassino.

Para a mãe adotiva, quando Ettan evita o contato visual com ela, significaria que ele estaria fugindo do reflexo de seus pensamentos. Ela reclama que Ettan não “olha direto nos seus olhos” (comportamento não detectado nas interações mãe-filho durante as consultas). Mas observamos que o olhar materno é frequentemente ambivalente e inseguro.

Analisando o papel do pai adotivo, ele apresenta certas dificuldades em ocupar o lugar de pai, visto que o empreendimento da adoção foi realizado somente pela mãe. Soubemos que ele também tem uma filha com 14 anos de idade, fruto de uma primeira união.

Todo vínculo com esta filha está cortado desde que ela era pequena, pois os conflitos com a ex-mulher impediram o contato entre o pai e a filha. A relação entre o pai e Ulisses teria oscilado entre grande ausência ou uma presença muito protetora do tipo maternal. O pai adotivo irá atribuir esta ambivalência presente no seu papel de pai à sua história de vida que foi marcada pela sua separação dos pais numa fase muito precoce de sua infância:

eu sou como Ettan, não tive pai. Nasci em Portugal, fui criado por uma tia até os 2 anos de idade, quando os meus pais migraram para a França. Depois fui viver com eles, mas a relação com o meu pai foi sempre muito conflituosa, era uma guerra o tempo todo. O meu pai era muito ausente, ditador e muito autoritário.

Parecia estar perplexo diante do papel de pai que vivenciou enquanto criança e ao papel que poderia desenvolver enquanto adulto. Entretanto, ele teve um pai do ponto de vista jurídico, mesmo que ele tenha sido ausente. O pai adotivo de Ettan se posiciona como pai afetivo, considerando a ausência da dimensão jurídica para inscrever a criança num processo de filiação. Questiona o acesso à posição paterna, sua presença/ausência para com as suas crianças biológicas e a sua resistência a implicar-se completamente no processo de adoção de Ettan.

Encontramos a ausência da figura representada pelos dos avós paternos no discurso do pai. Será que eles sabem que são também “avós de Ettan”? Não houve indícios de relatos contando que eles participam da vida de Ulisses, seu filho biológico.

O pai conta que Ulisses passa as férias em Portugal na casa dos avós maternos e não na casa dos avós paternos. Ettan fica na França. Observa-se a fragilidade e a ambivalência quanto à inscrição de

Ettan na linhagem paterna, ou seja, do “pai adotivo”. Por exemplo, quando o senhor buscou Ettan na creche pela primeira vez, a direção lhe pediu para justificar os vínculos existentes com a criança, exigindo os documentos que os comprovem. Assim, a situação de filiação paterna de Ettan é colocada em prova quando um colega de grupo lhe pergunta: “você é o pai do Ettan? Mas você é branco?”. Ettan capta essas palavras, exprimindo suas emoções e a confusão existente em sua vida, sentindo provavelmente a ambivalência do pai, ele reage dizendo: “eu não vou, o pai é malvado”.

O brincar e o desenhar terapêutico

Durante as consultas familiares, Ettan solicita regularmente um dos coterapeutas, como se estivesse procurando um apoio. A relação terapêutica é mediada pelo brincar, desenhar e contar.

Assim, podemos transmitir à família um significado quanto aos desenhos de Ettan, representando de modo repetitivo a expressão de suas angústias e as fantasias presentes no discurso dos pais.

Como exemplo, durante uma consulta, a mãe adotiva evoca, com uma voz muito baixa, as dificuldades encontradas para contar ao seu filho a história sobre seu nascimento, a sua mãe biológica e seu abandono. Ettan desenha então um homem “batata” e agrega olhos, mãos e pés. Fala então bem forte: “tem que lhe fazer as orelhas!” Misturando o gesto e a palavra, desenhou a imagem com antenas. O segredo, os objetos escondidos estão frequentemente presentes, não apenas em seus desenhos, mas nos “mapas da busca ao tesouro” que ele ilustra, particularmente quando se trata da questão de suas origens e dos papéis de adoção plenária que a sua mãe tem dificuldade em recuperar.

Ettan costuma utilizar o seu tempo para desenhar. Ele também gosta de brincar especialmente com um jogo de construção que permite criar uma ou várias casas, as quais ele organiza em círculo, instalando no centro as mesas e as cadeiras, o que pode ser compreendido como a representação simbólica do seu lugar no cruzamento dos mundos familiares que ele conhece, aquele de sua África natal, onde a família de Ernestine o acolheu durante seus primeiros anos de vida, e o da atualidade. Ele tenta reunir a família atual no centro, com muita dificuldade. Durante o brincar, repete um ritual que consiste em instalar cada grupo de família no dormitório, cada um tendo seu lugar entre as camas maiores e as menores.

O atendimento terapêutico com Ettan e sua família continua em andamento. Ele parece evoluir de maneira satisfatória, sem que a equipe terapêutica tenha observado alguma inquietude particular. Integrou facilmente a escola, e a família demonstra, progressivamente, atingir certo equilíbrio. Não obstante, os conflitos dos pais quanto às origens de Ettan e a sua alteridade nos mostram as dificuldades existentes para que este trio (Ettan, mãe adotiva e pai adotivo) possa construir uma família. Preocupa-nos o fardo que Ettan carrega, repleto das projeções parentais sobre as suas origens. Pensamos também sobre como ele poderá se libertar desse peso no futuro.

O que é projetado sobre a alteridade da criança

A partir da apresentação dessa situação clínica, tentamos ilustrar os diferentes níveis de análise possíveis quanto ao objeto principal de preocupação num processo de adoção: a alteridade da criança, que representa um campo de projeções diversas ligadas às representações mais profundas e íntimas dos pais e ao contexto social mais amplo, passando pelos níveis intersubjetivo e familiar.

Nosso quadro terapêutico grupal inscreve-se numa abordagem complementar transcultural, esforçando-se em fazer coexistir diferentes níveis de análise e de compreensão, com o objetivo de permitir a elaboração complexa da alteridade como fonte de criatividade e não como um obstáculo à inscrição da criança no processo de filiação.

Assim, essa iniciativa nos possibilita sair de certos jargões encontrados na literatura que reduzem a questão da alteridade da criança a uma falha de sua inscrição na filiação parental, dando, assim, mais importância à sua identidade cultural, como um aspecto protetor do desenvolvimento psíquico (Skandrani, Harf, Mestre & Moro, 2012; Harf, Skandrani, Mazeaud, Révah-Lévy & Moro, 2015).

Na França, o lugar que o país de origem e o meio cultural da criança representa em seu mundo psíquico é considerado como uma simples desculpa para encobrir outras questões e preocupações mais importantes. No entanto, questionar e desconsiderar os vínculos culturais da criança implica em uma falha na inscrição da criança na representação imaginária e simbólica da filiação (Soulé & Lévy-Soussan, 2002). Do outro lado do Atlântico, a literatura anglo-saxônica insiste na importância da manutenção dos vínculos com o país e a sua cultura, dado que isso permitiria o desenvolvimento de uma identidade cultural positiva na criança, aumentando a autoestima e favorecendo um bom desenvolvimento psicológico (Lee, Grotevant, Hellerstedt, & Gunnar, 2006; Rushton & Minnis, 1997; Thomas & Tessler, 2007).

A alteridade é encontrada em todas as crianças, mas no processo de adoção é exposta ao olhar do outro e passa a ser fortemente ressentida na intimidade familiar e fantasiada no mundo intrapsíquico. Ela só pode ser elaborada quando abandonamos as posições

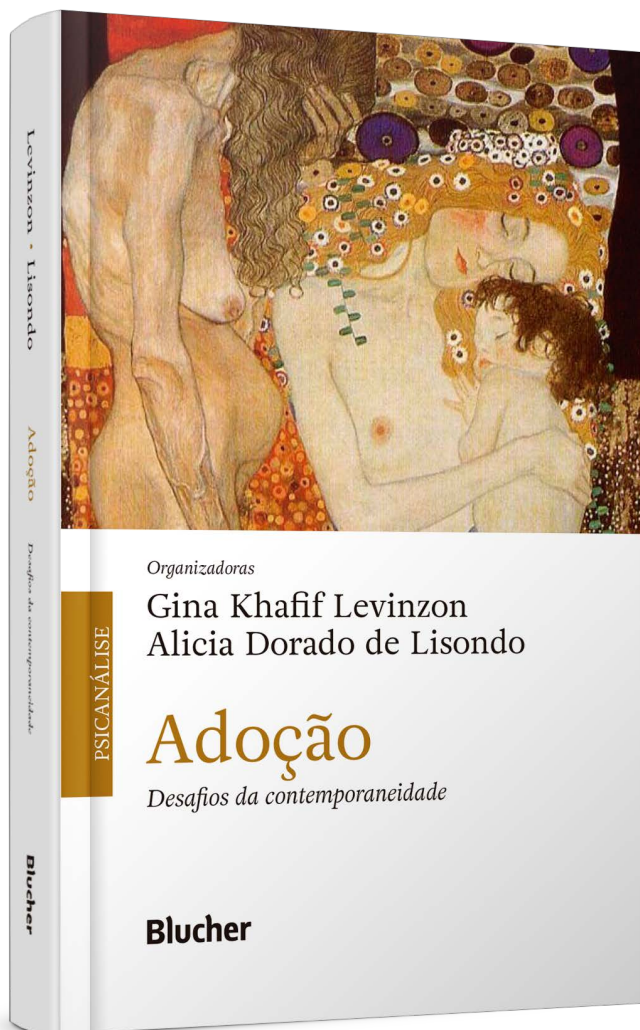
radicais e ideológicas e tecemos laços entre os diferentes níveis de compreensão.

As crianças adotadas nasceram e cresceram durante um certo tempo num outro lugar e numa outra cultura. Suas primeiras sensações, satisfações, frustrações e interações foram feitas num além geográfico, familiar e/ou grupal, cultural, deixando marcas significativas na sua história de vida. Esse além, esse outro mundo em que a criança viveu antes de ser adotada, será também uma fonte de fantasias e de projeções não só da parte dos outros, mas de seus próprios pais adotivos. A dinâmica é representada pelo conceito de contratransferência cultural elaborado por Devereux (1972), que engloba a parte inquietante de estranheza que cada um de nós temos, formando um enquadre clínico, junto com as interações familiares, as transmissões transgeracionais e as inscrições psíquicas de cada indivíduo envolvido no procedimento clínico de consultas terapêuticas transculturais sobre a adoção internacional.

Referências

- Cramer, B., Palacio Espasa, F. (1993). *La pratique des psychothérapies brèves mères-bébés: études cliniques et techniques*. Paris: puf.
- Devereux, G. (1972). *Ethnopsychanalyse complémentariste*. Paris: Flammarion.
- Golse, B. (2012). La double étrangeté de l'enfant venu d'ailleurs, accueilli en adoption internationale. *L'Autre*, 13(2), 144-150.
- Guyotat, J. (1980). *Mot, naissance et filiation: études de psychopathologie sur le lien de filiation*. Paris: Masson.

- Harf, A., Skandrani, S., Mazeaud, E., Révah-Lévy, A, Moro, M. R. (2015). Le concept d'identité culturelle chez les enfants adoptés: quelle pertinence? *La psychiatrie de l'enfant*, 58, 299-320.
- Harf, A., Skandrani, S., Sibeoni, J., Le Du C., Legros, S., Mestre, C., Moro, M. R. (2013). La consultation "adoption internationale", une lecture multiple et métissée. *Adolescence*, 3, 521-530.
- Harf, A., Taïeb, O., Moro, MR. (2007). Le récit de l'adoption: un révélateur du trauma des parents adoptifs. *Neuropsychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*, 56, 257-262.
- Lee, R. M., Grotevant, H. D., Hellerstedt, W. L., Gunnar, M. R. (2006). Cultural socialization in families with internationally adopted children. *Journal of Family Psychology*, 20(4), 571-580.
- Moro, M. R. (1998). *Psychothérapie transculturelle de l'enfant et de l'adolescent*. Paris: Dunod.
- Rushton, A., Minnis, H. (1997). Annotation: Transracial Family Placements. *Journal of Child Psychology and Psychiatr*, 38 (2), 147-159.
- Skandrani, S., Harf, A., Mestre, C., Moro, M. R. (2012). La question culturelle dans l'adoption internationale. *L'autre, Cliniques, Cultures et Sociétés*. 13 (2), 151-159.
- Soulé, M., Lévy-Soussan, P. (2002). Les fonctions parentales et leurs problèmes actuels dans les différentes filiations. *La psychiatrie de l'enfant*, 451, 77-102.
- Thomas, K. A., Tessler, R. C. (2007). Bicultural socialization among adoptive families. Where there is a will, there is a way. *Journal of Family Issues*, 28(9), 1189-1219.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Adoção

Psicanálise e Literatura

Gina Khafif Levinzon (org.)
Alicia Dorado de Lisondo (org.)

ISBN: 9788521212744

Páginas: 256

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2018